

LER E ENSINAR BOCAGE HOJE: PARA O ESTUDO DA RECEPÇÃO DE BOCAGE

J. Cândido Martins

Universidade Católica Portuguesa
cmartins@braga.ucp.pt

Na moderna História da Literatura Portuguesa, Bocage é um caso paradigmático de recepção pública e leitura crítica marcadas pela proliferação de vários lugares-comuns. Essas ideias-feitas são responsáveis por uma imagem estereotipada do poeta, dentro e fora do sistema escolar: primeiro, identifica-se automaticamente o poeta com um vasto anedotário e a uma nociva popularidade; depois, enfatiza-se o lugar da sátira e do repentismo; ao mesmo tempo, difunde-se (clandestinamente, no passado) a sua poesia erótica; celebra-se ainda o poeta cantor da Liberdade; e, por fim, reduz-se frequentemente Bocage a um poeta ilustrativo de um período pré-romântico de transição¹.

Ora, esta visão redutora da obra de Bocage, com raízes na própria mentalidade colectiva, em alguns aspectos, mas também potenciada pelo próprio sistema escolar, está plenamente enraizada na história de dois séculos dos estudos bocageanos. Com efeito, a evolução dos estudos bocageanos acompanha a sucessão dos estilos de época, a formação do cânone literário no sistema escolar oitocentista, os acasos da fortuna editorial e crítica, e ainda a singularidade das visões do mundo de cada período. O conhecimento ainda que panorâmico da recepção bocageana constitui-se como um dos fundamentos para uma renovada prática de leitura e de ensino do poeta.

Deste modo, a imagem que hoje temos do poeta (dentro e fora do sistema escolar) e o ponto de chegada dos estudos bocageanos são, em grande medida, o resultado dessa significativa construção que se foi sedimentando ao longo de várias gerações, isto é, da múltipla recepção sucessivas aportações críticas sobre a época, a vida e a obra de Bocage, ao longo de cerca de dois séculos. Sem aspirações de história minuciosa dos estudos bocageanos, assinalamos rapidamente apenas algumas tendências maiores, a pretexto da celebração do bicentenário do nascimento de Bocage. E vejamos como a imagem ainda hoje transmitida pelo sistema escolar é devedora de uma construção elaborada ao longo de cerca de dois séculos.

1. A obra de Bocage e os ecos dos seus contemporâneos

Teófilo Braga escreveu, repetidamente, que na nossa literatura há dois poetas que o povo português conhece pelo nome próprio – Camões e Bocage. Consabidamente, a enorme popularidade de Bocage, dentro e fora do campo literário, é atestada pela confluência de vários índices, que convém enumerar rapidamente, na sua manifesta heterogeneidade e amplitude temporal: i) a edição, ainda em vida do poeta, de 3 volumes das suas *Rimas*, reunindo o essencial da sua criação poética; ii) a enorme circulação de re-edições impressas, mas também de cópias manuscritas, mais ou menos clandestinas; iii) as relações privilegiadas que manteve com outros escritores contemporâneos, com destaque para a marquesa de Alorna e Filinto Elísio, que manifestam o seu apreço pela obra bocageana; iv) a polémica desencadeada em diversos momentos pelo próprio poeta, bem visível quer no afastamento do

¹ Este artigo prolonga e completa as considerações anteriormente expostas numa conferência apresentada na Universidade de Aveiro (Departamento de Línguas e Culturas), a 17 de Novembro de 2005. Esse texto foi entretanto editado por António Manuel Ferreira & Paulo Alexandre Pereira (coord.), *Derivas*, Universidade de Aveiro, 2005, pp. 21-40, sob título de “Ler e ensinar Bocage hoje: o ensino e os lugares-comuns”.

movimento arcádico, quer no relacionamento com José Agostinho de Macedo; v) a elogiosa recepção do público e da crítica, do seio da sociedade lisboeta às terras do Brasil, bem visível na considerável fortuna editorial e no considerável conjunto de estudos críticos; vi) a repetida e reverenciadora aproximação de Bocage a Luís de Camões, começada em vida do poeta e enfatizada pela crítica romântica; vii) a numerosa criação literária (poesia, teatro e narrativa) inspirada no poeta, como forma expressiva de homenagem, desde os contemporâneos do poeta até aos autores actuais; viii) e ainda as modernas adaptações da vida e obra do poeta para cinema e televisão, em Portugal e no Brasil.

Comentemos mais atentamente alguns destes índices da singular recepção de Bocage, a começar pelos ecos entre os coevos. Com efeito, há dados fundamentais que não podemos esquecer a propósito da recepção bocageana: primeiro, o essencial da obra do poeta (cerca de três quartos) foi publicada em vida, sendo o restante dado a público postumamente; segundo, os testemunhos dos contemporâneos setecentistas revelam-se muito importantes para o estabelecimento da recepção coeva, mesmo conhecendo nós a natural oscilação e precariedade deste tipo de juízos. Infelizmente, com honrosas excepções – como o trabalho de Artur Anselmo –, não está feito o desejável e circunstanciado levantamento da fortuna editorial e crítica do tempo de Bocage, exigindo moroso trabalho de pesquisa em arquivos e bibliotecas.

Com efeito, a decisiva fortuna editorial bocageana inicia-se com a publicação, em vida, dos três primeiros volumes das *Rimas*, logo a partir de 1791, na oficina do tipógrafo Simão Tadeu Ferreira. O volume inaugural conhece 2ª edição logo em 1794, enriquecida dum interessante “Prólogo” de Bocage, com “informações do maior interesse autobiográfico e estético”, como realça Artur Anselmo. Também o tomo II (1799), com reedição em 1792, conta com um curioso peritexto autógrafa, intitulado “Ao Leitor”, elucidando Bocage as singulares circunstâncias da organização deste volume. Finalmente, em 1804, sai o tomo III das *Poesias*, dedicado à futura marquesa de Alorna e, mais uma vez, com epígrafe retirada de Ovídio.

Relembremos ainda os vários folhetos, maiores ou menores, que o poeta foi publicando em vida, até aos improvisos finais da sua enfermidade. Naturalmente, estas publicações menores, bem mais precárias e efêmeras, levantam vários e complexos problemas ao nível da desejável edição crítica da obra poética de Bocage. Não sendo este o momento para abordar essas questões, destaquemos outro dado relevante, indissociável da edição da obra poética bocageana em vida.

Estabelecendo o diálogo com o leitor, e realçando o êxito editorial da sua obra junto do público, um tópico recorrente das reflexões bocageanas, de natureza peritextual, que acompanham os três volumes das *Rimas* – retomado em textos poéticos e em epígrafes – é o da independência do poeta face à crítica e aos seus censuráveis “zoilos” da cena literária do seu tempo. Igualmente reveladores são os textos dos censores da Mesa Censória do Paço, encarregados de dar parecer, assinados por várias figuras, textos merecedores ou não de resposta do poeta. Reagindo a críticas e evocando o elogio formulado por Filinto (“Lendo os teus versos, numeroso Elmano”), Bocage agradece e exclama, visando especialmente o Pe. José Agostinho de Macedo: “Zoilos, estremecei, rugi, mordei-vos:/ Filinto o grão cantor, prezou meus versos”².

Porém, a morte do poeta em 1805 interrompeu a edição completa das suas obras. No ano seguinte, em 1806, o erudito Antonio Maria do Couto edita, na mesma oficina tipográfica, o estudo *Memórias sobre a Vida de Manuel Maria Barbosa du Bocage*. Insista-se mais uma vez numa das provas que melhor atesta a popularidade do poeta: as edições feitas em vida escoavam-se rapidamente, já que se contam 8 edições entre 1791 e 1806. Logo após a morte, inicia-se a procura dos textos póstumos, os “inéditos”, “improvisos” e “novos improvisos” de Bocage³.

Ainda em vida, publica Bocage na Tipografia Literária do Arco do Cego, de Frei José Mariano da Conceição Veloso, as traduções (do francês) de poemas didácticos, muito em voga nestes tempos iluminados: *Os Jardins*, de J. Dellile (1800); *As Plantas*, de R. Castel (1801); ou *O Consórcio das Flores*, de

2 Cf. Filinto ELÍSIO, *Obras Completas*, vol. I, Ed. APPACDM, 1998, p. 209.

3 BOCAGE, “Pena de Talião”, in *Opera Omnia*, vol. III, Lisboa: Bertrand, 1970, pp. 51-61. Num contexto histórico ainda pré-romântico, são, aliás, reveladoras as considerações de José Agostinho de Macedo a propósito das “seitas” dos filintistas e dos elmanistas, tal a polarização em torno das obras marcantes de Filinto Elísio e de Bocage.

4 Para uma visão mais detalhada e fundamentada da fortuna editorial de Bocage, vejam-se os informados estudos introdutórios de Daniel Pires, a anteceder cada um dos volumes da *Obra Completa* do poeta (Porto, Caixotim), em curso de publicação.

La Croix (1801). Contudo, a sua diversificada actividade de tradução estende-se a vários outros autores, como Bernardin de Saint-Pierre, François D'Arnaud, Florian (Miguel de Cervantes) ou Pietro Metastásio.

Do que conhecemos, podemos afirmar que começa em vida do poeta a grandíssima popularidade da sua criação poética, visível na procura dos seus escritos, mas também na aura de poeta gênio, irreverente e improvisador, que se vai, paulatinamente, colando à sua imagem de singular criador. Germina igualmente a distinção – depois reafirmada amplamente pela crítica romântica – entre *elmanistas* e *filinistas*, não se podendo falar rigorosamente de “escolas literárias”, mas antes de distintas concepções poéticas, cada uma delas com seus seguidores e admiradores. A idealização romântica começa a germinar logo após a morte do poeta, com a publicação de epicédios e outros textos panegíricos⁵.

2. Idealização oitocentista do herói romântico

Logo após a morte de Bocage, sucedem-se as edições póstumas, algumas descuidadas e polémicas. As várias edições, por vezes clandestinas do poeta, em folhas avulsas ou em panfletos manuscritos, eram mais ou menos sigilosas. Não esqueçamos que, no meio literário dos alvares de Oitocentos, o popular nome de Bocage era garantia de sucesso financeiro, pelo que editores pouco escrupulosos não hesitaram em aproveitar-se, rápida e habilmente, dessa reputação. Podemos mesmo dizer que começa aqui, sobretudo após a morte do poeta, uma “indústria” editorial à volta da figura de Bocage, que conhecerá as suas manifestações mais evidentes na edição das poesias eróticas e do proverbial anedotário bocageano.

Em 1812, o livreiro Desidério Marques Leão edita o tomo IV das *Obras Poéticas* de Bocage, com um “Discurso sobre a Vida e Escritos deste Poeta”, numa contestada introdução biográfica. O polémico e apressado tomo, e sobretudo a inclusão de algumas poesias satíricas, desencadeia a reacção de José Agostinho de Macedo (*Elmiro Tagiden*). Trata-se de uma edição descuidada, movida por óbvias razões comerciais. Esta infeliz edição tem apenas uma vantagem, se é que lhe poderemos reconhecer esse mérito: desencadear uma nova e mais cuidada edição.

De facto, no ano seguinte, o mesmo livreiro, lança o tomo V das *Obras Poéticas*. Ao mesmo tempo, em 1813, um amigo íntimo de Bocage, Pato Moniz, publica uma edição diferente do tomo IV das poesias inéditas, ostensivamente intitulado *Verdadeiras Inéditas Obras Poéticas*, esclarecendo critérios de rigor textual, publicando inéditos, corrigindo dados biográficos e explicitando fontes. Mesmo após o crítico julgamento a que é submetido no texto da “Sentença” que acompanha este volume de Pato Moniz, o livreiro Desidério Marques Leão insiste em publicar o tomo V das poesias de Bocage (1813), procurando justificar o seu anterior trabalho editorial⁶.

Tudo isto ocorre nas primeiras décadas de Oitocentos, poucos anos após o falecimento do poeta. É sobretudo a partir do segundo quartel do séc. XIX que vai sendo composto um retrato de Bocage com as cores mitificadores de um verdadeiro herói romântico. As primeiras pedras do edifício já estavam lançadas, quer pelas primeiras incursões biográficas antes referidas, quer pela lenda popular que, mesmo em vida, aureolou a vida aventureira de Bocage. Assim, vão sendo apresentados, na pena de outros poetas e críticos, alguns traços compositivos que, em boa medida, se mantiveram até aos nossos dias: poeta genial e incompreendido, com notáveis capacidades de improvisação, de vida aventureira

5 Vejam-se, a título de exemplo: João Miguel Coelho BORGES, *À morte de Manoel Maria Barbosa du Bocage: elegia*, Lisboa: Na Imprensa Régia, 1806; ou Francisco de Paula MEDINA E VASCONCELOS [1768-1824], *Elegia à deplorável morte do grande e incomparavel Manoel Maria Barbosa du Bocage*, Lisboa: Na Imprensa Régia, 1806.

6 Também no início do século (1811) se publicam, no Rio de Janeiro, as *Obras Completas de Bocage*, confirmando a popularidade do poeta em terras brasileiras. Recorde-se que o poeta Bocage passou brevemente pelo Rio de Janeiro, na sua viagem a caminho do Oriente. Já antes, nas celebrações do I Centenário da Morte, em 1805, teve um papel relevante José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha (irmão do poeta António Feliciano de Castilho). Mais tarde, em 1867, este mesmo autor organizará uma publicação sobre a vida e obra de Bocage, em 3 vols.

Além disso, recorde-se que muitos dos poetas do arcadismo setecentista eram lidos e apreciados no Brasil; aliás, é conhecida a vinda de diversos poetas brasileiros para Portugal nesta época; e alguns deles, como o mulato Domingos Caldas Barbosa, por ex., conheceram uma apreciável popularidade entre nós.

e desregrada, etc. Apresentemos alguns dos pronunciamentos que melhor sistematizam essa imagem romântica, que ficará a ecoar até aos nossos dias.

Um elemento não despreciando na idealização romântica de Bocage é o famoso retrato que dele traça o cosmopolita e requintado William Beckford, o autor de *Italy with Sketches of Spain and Portugal* [1834]. A empática caracterização do poeta português, da sua complexa personalidade e genialidade ficam delineados na pena do conhecido viajante inglês: “(...) um mancebo pálido, de compleição fraca, de olhar e modos excêntricos, o Sr. Manuel Maria, a mais for a do comum, mas talvez a mais original das criaturas poéticas formadas por Deus”. Assim começa o esboço do conhecido retrato bocageano, recriado de memória um serão em que Bocage terá trocado breves, mas significativas palavras com célebre viajante inglês.

Outro factor ou momento decisivo da construção romântica da imagem do poeta é o ascendente que ele conhece nas considerações e até na obra autores da primeira geração romântica, como Almeida Garrett, a quem chegam a chamar “o novo Bocage”. O autor do *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa* [1826], não hesita em considerá-lo, em muitas das suas criações – dos sonetos às traduções –, um poeta digno de “perfeição admirável”, na sua singularidade de talentoso improvisador:

“Este, quase desde a infância poeta, apareceu no mundo em toda a efervescência dos primeiros anos, ardente cantor das paixões, entusiasta, agitado do seu próprio natural violento, rápido, insofrido, sem cabal instrução para poeta, com todo o talento (raro, espantoso talento!) para improvisador”.

Garrett não ignora o peso do “fado” de uma vida aventureira que, juntamente com as suas capacidades de improviso, tornaram Bocage objecto de “idolatria” populares. Este juízo não impediu Garrett de formular algumas reservas à ao entusiasmo bocageano pelo “aplausos” (“o fatal desejo de brilhar”), ou por certas opções estilísticas dominantes⁸.

Também António Feliciano de Castilho mostra clara consciência do papel inovador da criação bocageana, nomeadamente quando o qualifica de “Messias literário”, que “ofusca, dispersa, quase aniquila de todo a sinagoga arcádica”. O apreço de Castilho vai ao ponto de aproximar Bocage de Camões, sobretudo no cultivo do soneto, considerando-os “os dois máximos cantores portugueses”, na perfeição que legaram à literatura nacional: “Camões e Bocage são, pois, ainda hoje, dois mestres; mas o segundo, por mais achegado a nós, mestre para mais aproveitamento. Na tradução inexcelsível, no soneto inigualável”. Resumidamente, depois do que escreveu e também da sua participação na inauguração do monumento de homenagem a Bocage, em Setúbal, o respeitado Castilho teve um papel relevante na canonização do poeta sadino como “glória nacional”, a par de Luís de Camões⁹. O mesmo António Feliciano de Castilho dedicará um soneto evocativo da figura de Bocage, de que transcrevemos a primeira estrofe: “Tu que nos revelaste a mágica harmonia / na lira nacional antes de ti latente; / espírito de luz, relâmpago esplendente / que descobriste à pátria um mundo de poesia”.

Entretanto, prosseguem as edições da poesia de Bocage: ora de edições parcelares, como a 2ª ed., *Poesias satíricas inéditas* (Lisboa, Typ. de A. J. da Rocha, 1840), coligidas pelo professor de grego António Maria do Couto; ora de edições completas, como a organizada diligentemente por Inocêncio Francisco da Silva (*Rimas*, 6 vols., 1853), a que acrescenta mais um tomo no ano seguinte, editando as censuradas e clandestinas *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas* (1854). A publicação deste último volume condicionará, de modo decisivo, a popularidade do poeta – quer num sentido positivo, pois dava a conhecer uma parte inédita da obra bocageana; quer num sentido negativo, pois fornece matéria para um dos mais redutores lugares-comuns construídos em torno do poeta setecentista.

O monumental trabalho de Inocêncio é, reconhecidamente, uma edição ainda hoje apreciável e modelar, pela transcrição textual rigorosa, cuidadosamente anotada, e pela estruturação temática e genológica da obra bocageana. Como sabemos, a edição matricial do erudito Inocêncio constituirá o modelo das futuras edições completas, até à actualidade. Se dúvidas tivéssemos, bastaria consultar atentamente as edições modernas ou contemporâneas, como as de Teófilo Braga, Hernâni Cidade ou

7 Cf. “Viagens de Beckford a Portugal. Carta XXIV (A Sé – o Convento dos Caetanos – o Poeta Bocage)”, *O Panorama*, vol. XIV (1857), p. 298. Cf. Maria Laura Bettencourt Pires, *William Beckford e Portugal*, Lisboa: Edições 70, 1987, p. 184.

8 Cf. A. GARRETT, *Bosquejo...*, in *Obras de Almeida Garrett*, vol. I, Porto: Lello & Irmão – Ed., 1963, pp. 506-508.

9 Cf. *A Primavera*, vol. I, 3ª ed., Lisboa: Emp. da História Literária, 1903, p. 132.

de Daniel Pires (ainda em curso de publicação).

No já citado *Curso de Literatura Portuguesa* [1876], Camilo Castelo Branco salienta a absoluta singularidade da lado “repentista” da obra bocageana, não silenciando os eventuais defeitos das composições improvisadas. Diferentemente, a sua opinião mais entusiasmada centra-se nas composições breves: “Os seus poemas de curto e longo fôlego são soberbos no arrojo das ideias, na travessão harmónica das palavras, no desconjugal das metáforas. As hipérbolos são sempre excelentes, se dispararam da indignação ou da zombaria”. Admirando o génio bocageano, e colocando a figura do poeta e da sua obra em várias referências das suas narrativas (como em *Eusébio Macário* ou nas *Novelas do Minho*, por exemplo), Camilo dirá que Bocage era “um talento que a si mesmo se devorara”.

Não escondendo o prazer causado pela mordacidade satírica de Bocage, também Camilo apresenta algumas reservas certa inflamada retórica dos sonetos – “forma gentilíssima e magistral de sua índole, “mais propensa ao furor do que à ternura””. Camilo prefere salientar a expressão dramática genuína, uma vez “entrado da agra consciência do seu perdido destino”, sob a forma de “grito de alma aflita” diante da divindade: “Resgatou-se Bocage, por vezes, da sua escravidão das turbas, refugiando-se a só na dor da saudade ou nos raptos religiosos, que os tinha ardentíssimos como todos os infelizes”¹⁰.

Também por ocasião do I Centenário do Nascimento, em pleno segundo romantismo português, a peça teatral *Os Primeiros Amores de Bocage* [1865] pertence a uma projectada trilogia de Mendes Leal sobre a vida de Bocage. Nesta obra dramática, o dramaturgo propõe-se encenar o percurso biográfico do poeta “nos primeiros anos e nas generosas paixões da mocidade”¹¹.

Paulatinamente, a partir das efemérides do 1865 e sobretudo no derradeiro quartel do séc. XIX, vão-se publicando estudos bocageanos, e até obras literárias inspiradas no poeta, onde se procura mitigar a imagem boémia de repentista devasso. Nesse espírito se devem perspectivas os estudos histórico-biográficos de Teófilo Braga.

Ainda por estes anos, publica-se no Porto um periódico intitulado *Bocage. Piparotes Literários* [1865-67], de natureza satírica, tendo como alvo a vida cultural do seu tempo, com destaque para certas personalidades com projecção na imprensa da época – “os besouros literários que por aí enxameiam as imprensas” (Camilo Castelo Branco, Alexandre da Conceição, Antero de Quental ou Pinheiro Chagas)¹².

Já no específico plano do ensino, a partir dos anos de 1860, assiste-se às primeiras grandes reformas do sistema curricular. Nesse importantíssimo trabalho, destaca-se Teófilo Braga como o grande obreiro e arquitecto do cânone literário português da época. Porém, só este assunto constituiria vasta matéria para um estudo¹³. Importa-nos apenas reafirmar o já sabido: a obra poética de Bocage merece um lugar relativamente modesto no cânone teofiliano, apesar de algumas consideráveis reservas, que não põem em causa a genialidade do poeta.

A par da necessidade do “aplauzo transitório”, a poesia bocageana seria marcada pela falta do “sentimento nacional”, visível no seu descuido da “fontes nacionais” e no excesso de imitação de modelos clássicos greco-latinos (“constante alegorização”, uso da “mitologia morta”, “invincível cunho do convencionalismo”, etc.). Estes são alguns dos critérios do vasto edifício histórico-literário de Teófilo, de assumida matriz romântico-positivista, determinantes no juízo sobre Bocage: “(...) a falta desta intuição amesquinhou o maior génio poético que o século XVIII produziu em Portugal”. Aliás, as restrições à obra de Bocage, misturadas com manifestações de apreço, já vinham da primeira metade de Oitocentos, de José Agostinho de Macedo (sobre os traços definidores das duas “seitas” de elmanistas e filintistas), de Almeida Garrett ou de Alexandre Herculano¹⁴, retomadas por Rebelo da Silva.

10 *Curso de Literatura Portuguesa*, in *Obras Completas*, vol. XVI, Porto, Lello & Irmão - Ed., 1993.

11 José da Silva Mendes LEAL [1818-1886], *Os Primeiros Amores de Bocage (comédia em 5 actos)*, Lisboa: Typographia Universal, 1865.

12 Curiosamente, por finais de Oitocentos, editaram-se várias publicações periódicas com o nome do poeta, bem denotadoras por si só da sua enorme popularidade. Por exemplo: *Bocage: anuário de cacholetas* (Porto, 1868); *Bocage: semanário literário, científico e noticioso* (Torres Vedras, 1877); *O Bocage: semanário literário, científico e noticioso* (Lisboa, 1888); *Bocage em Camisa* (Lisboa, 1891).

13 Sobre esta temática pronunciou-se aprofundadamente Elias TORRES FEIJÓ (da Universidade de Santiago de Compostela), numa comunicação apresentada a este mesmo Colóquio, intitulada “Uso e função de Bocage em algumas esferas do ensino”, para a qual remetemos o leitor interessado.

14 Não esqueçamos que o autor de Opúsculos (IX) frequentava, pelos vinte anos (por volta de 1830) a Tebaida da Mãe-de-Água,

Escusado será acrescentar que vários da segunda geração romântica não ficaram indiferentes à figura de Bocage¹⁵.

De facto, um dos tópicos mais explorados pela crítica teofiliana é o da popularidade de Bocage, bem como o da sua comparação com Luís de Camões – este já explorado pelo crítico romântico Luís Augusto Rebelo da Silva no estudo que acompanha a edição bocageana de Inocêncio Francisco da Silva [1853]¹⁶. Evidentemente, o cânone literário de Teófilo operou algumas selecções valorativas no *vasto corpus* bocageano, privilegiando alguns géneros e temas (sonetos e lirismo amoroso, *v.g.*), em detrimento de outros (poesia satírica e erótica, por exemplo, exceptuando os inocentes e graciosos epigramas). Porém, uma coisa é certa: o contributo de Teófilo Braga para o conhecimento e divulgação da obra de Bocage não tem paralelo em finais de Oitocentos, bastando lembrar, entre outras publicações, a edição das *Obras Poéticas*, de Bocage, em 7 vols., na “Biblioteca de Actualidade”, destinada para o grande público. Por fim, não podemos esquecer o decisivo magistério de influência exercido por Teófilo Braga nos autores de manuais escolares de Língua e Literatura portuguesas ao longo de várias décadas.

É com elementos como os referidos, de natureza editorial, crítico-memorialística e literária (e muitos outros obviamente não mencionados) que se vai sedimentando lentamente a imagem romântica de Bocage – do poeta genial, popular e incompreendido –, com efeitos na leitura crítica do poeta até aos nossos dias, mas certamente castradora da real grandeza do poeta. Isso acontece espacialmente na restrição de Bocage a um poeta satírico ou erótico; bem como a um certo biografismo ingénuo e primário, quer lê e interpreta a poesia do autor como confissão reiterada de dramas e peripécias do seu atribulado percurso existencial, com realce para as proverbiais aventuras amorosas. Como sugerido, o sistema escolar não conseguiu desembaraçar-se totalmente desta ideia romântica de Bocage, ainda que com variações significativas ao longo das variações do cânone escolar, desde finais do séc. XIX até à actualidade.

3. Reinterpretação contemporânea do poeta da Liberdade

Muito gradualmente, a recepção bocageana vai-se libertando de alguns dos traços que configuraram a imagem romântica do poeta, sobretudo ao nível da crítica: diminui sensivelmente o peso de certo biografismo e de alguma erudição histórico-cultural; modernamente, enfatiza-se uma leitura ideológica de Bocage, sobretudo nas celebrações dos centenário da morte e do nascimento, como forma indirecta de pronunciamento político; ao mesmo tempo, sobretudo a partir de meados de Novecentos, aumentam os estudos centrados nas questões estéticas (influências recebidas, recorrências estilísticas, imaginário metafórico, dominantes temáticas, etc.). Enfim, nesta nova fase, Bocage vai sendo re-interpretado a partir de novas circunstâncias político-sociológicas, por um lado; e por outro, à luz de renovadoras perspectivas que modernizam os estudos literários a partir de meados do século.

De facto, mais contemporaneamente, já em pleno séc. XX, embora com fundas raízes na referida construção romântica, a figura de Bocage foi sendo objecto de uma consciente re-interpretação, com o objectivo de construir a imagem do poeta da Liberdade, símbolo maior da sátira iconoclasta e da heterodoxia de pensamento. Esta renovada leitura é particularmente visível em dois momentos especiais – primeiro, nos tempos conturbados que antecedem a implantação da República, a pretexto da celebração do I Centenário da morte do poeta (1905), dinamizados especialmente por Ana de Castro

onde compareciam vários poetas da escola bocageana ou elmanista, alguns dos quais chegaram mesmo a conviver com Bocage – cf. Vitorino NEMÉSIO, *A Mocidade de Herculano* (1810-1832), vol. I, Lisboa: Bertrand, 1978, cap. VI.

15 Veja-se, a título de exemplo, o poema de Guilherme Augusto, “A morte de Bocage”, in *O Trovador / O Novo Trovador*, Lisboa: IN-CM, 1999, p. 408.

16 Cf. “Estudo Biographico e Litterario”, in *Poesias* de Manuel Maria Barbosa du Bocage, tomo I, Lisboa, 1853 (ed. de I. F. da Silva), pp. V-LVI; completado pelo “Estudo Litterario” aposto ao vol VI da mesma edição, pp. 317-397. Do mesmo Luís Augusto Rebelo da Silva, com colaboração sobre Bocage em *O Panorama*, veja-se a *Memória Biográfica acerca de Manuel Maria Barbosa du Bocage...*, Lisboa, Empresa da História de Portugal, 1909 [1877]. Vejam-se ainda as notas judicativas de outro crítico romântico, António Pedro Lopes de MENDONÇA, em “Críticas Literárias – M. M. Barbosa du Bocage – Francisco Manuel do Nascimento – José Agostinho de Macedo”, *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*, Segundo Ano (Abril, 1860), Lisboa: Tip. da Sociedade Tipográfica Franco-Portuguesa, pp. 184-192.

Osório e Paulino de Oliveira; depois, por meados de Novecentos, em plena ditadura de Oliveira Salazar, tendo como data dinamizadora o II Centenário do nascimento (1965), mas prolongando-se até depois da revolução de 25 de Abril de 1974.

Se antes, como se apontou, a ênfase da leitura oitocentista e romântica se situava no poeta de génio, incompreendido e vítima de um nefasto destino, ou no protagonista de reais ou lendárias histórias de amor; agora, em plenos séc. XX, o realce vai, paulatinamente, para um traço menos sublinhado pela herança romântica – o repentista satírico, o poeta heterodoxo e, sobretudo, o cantor da Liberdade. A delineada imagem de Bocage, acentuada na comemoração do I Centenário e nos tempos revolucionários da República, tem a particularidade de enfatizar a componente ideológica e libertária da obra e figura do poeta setecentista, colocada ao serviço da crítica ao regime ditatorial de Salazar.

Bocage é, modernamente, um símbolo e um mito – do poeta indomável, que censura todas as formas de ditadura e obscurantismo, ao mesmo tempo que faz a apologia da liberdade de pensamento. A analogia pressuposta nesta releitura de Bocage é evidente: a irreverência da poesia e do pensamento de Bocage revelou-se tão eficaz no passado (onde foi símbolo das Luzes num Portugal de trevas), como o é no presente (símbolo da transgressão e da liberdade, num tempo de ditadura e de obscurantismo).

Procedimentos análogos foram usados por outros escritores, evocando literariamente figuras que, no passado, foram vítimas da intolerância e do autoritarismo, para assim atingir, no presente, propósitos de denúncia política. Relembrem-se, a título de rápido exemplo, a reabilitação que Aquilino Ribeiro faz da figura maldita do Cavaleiro de Oliveira; ou a reinterpretção dramática que Luís Sttau Monteiro elabora da figura do general Gomes Freire de Andrade, em *Felizmente Há Luar!* [1961]. De comum, ambas as recriações têm a manifesta intenção ideológica: reler uma figura do passado, com suas ideias progressistas, para assim denunciar um presente de opressão, num fecundo e expressivo jogo de espelhos.

No princípio do século, prosseguem os estudos bocageanos, tendo mais uma vez como pólo dinamizador as celebrações do I Centenário da Morte do poeta. Ainda nas primeiras décadas do séc. XX, Teófilo Braga continua a afirmar-se como um dos mais activos críticos da vida e obra Bocage, quer ao nível dos estudos histórico-literários, quer no capítulo editorial. Em 1902, republica o seu estudo sobre *Bocage, Sua Vida e Época Literária*, inicialmente publicado em 1876 e agora integrado no esquema mais vasto da sua *História da Literatura Portuguesa*. Além dos estudos críticos mencionados, outra contribuição teofiliana foi a edição, em 1905, em pleno Centenário de Bocage, da *História de Paulo e Virgínia*, de Bernardim de Saint-Pierre¹⁷.

Também Gomes Leal, à imagem de tantos outros escritores, colabora na homenagem colectiva ao poeta setubalense, em 21 de Dezembro de 1905, intitulada *Bocage Lírico*, com o poema “Mataram-te, Bocage! (No Centenário do Poeta)”¹⁸. Por esta altura, também Paulino de Oliveira dedica a Bocage uma série de sonetos de feitura biográfica¹⁹. Pela mesma altura, também José Ramos-Coelho dedica a Elmano Sadino um soneto celebrativo – “Ao Centenário de Bocage”²⁰. É em 1917, no Teatro Municipal de S. Paulo, o poeta brasileiro Olavo Bilac pronuncia uma interessante conferência sobre Bocage, recentemente objecto de adequada reedição. Aí se pronuncia, de modo entusiasmado, sobre a mestria formal do poeta português, a quem dedica depois o soneto “A Bocage”²¹.

Já por meados do século, também o poeta Mário Beirão evoca o génio atormentado de Bocage, numa secção intitulada “Ausentes”, do livro *Lusitânia*, onde figura o soneto dedicado a Bocage. Assim se compõe uma sequência de retratos com que se completa esta viagem simbólica pela História da Cultura Portuguesa²². Mais contemporaneamente, são vários os poetas que se inspiram na figura e obra

17 O interesse de Teófilo BRAGA pela obra de Bocage e o seu significado na evolução setecentista da Literatura Portuguesa manifesta-se ainda noutros estudos menores: “Bocage”, *Questões de Litteratura e Arte Portuguesa*, Lisboa: Editores – A. J. P. Lopes, s.d. (1881), pp. 351-369; ou “Centenário de Bocage”, *Revista Litteraria, Scientifica e Artistica*, nº 172, jornal *O Século* (dir.: Eduardo Schwalbach Lucci), de 20 de Novembro de 1905, p. 3.

18 Cf. Gomes LEAL, *Poesias Escolhidas*, Lisboa: Bertrand, s/d, pp. 62-63.

19 Cf. Paulino de OLIVEIRA, “Bocage”, *Poemas*, Lisboa: Edições “Descobrimento”, 1932, pp. 121-128

20 Cf. José RAMOS-COELHO, *Obras Poéticas*, Lisboa: Tip. Castro Irmão, 1910, p. 407.

21 *Poesias*, 8ª ed., Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1921, p. 67. Também noutro autor brasileiro encontramos ecos intertextuais de Bocage, compondo o retrato de um poeta melancólico e infeliz – cf. Álvares de Azevedo, *Obras Completas*, vol. 2, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942, pp. 377 et passim.

22 *Poesias Completas*, Lisboa, IN-CM, 1996, p. 190.

de Bocage. Nestas reinterpretações poéticas, avulta a inspiração no percurso biográfico do autor; ao mesmo tempo, acentuam-se algumas tendências marcantes da sua criação literária, como a vocação repentista, a propensão para o auto-retrato, dimensão dramático-lírica e o pendor erótico-satírico. De comum, em todos estes textos sobressai o tom de louvor do poeta de génio, popular e heterodoxo. Entre os poetas inspirados em Bocage, dignos de registo, enumerem-se: Fernando Grade, José Carlos Ary dos Santos, José Jorge Letria, Alexandre O'Neill, Vasco Graça Moura e António Manuel Couto Viana²³.

Se o destaque concedido à inspiração poética é compreensível, não menos relevante é a criação teatral à volta da mesma figura setecentista. Antes e depois de Abril de 1974, a leitura ideológica de Bocage foi sendo explorada, permanecendo no imaginário colectivo. Por isso, não nos surpreende que contemporaneamente, sobretudo a pretexto da efeméride do II Centenário do Nascimento (1965), se tenham desenvolvido evocações marcadamente ideológicas de Bocage.

A tentação de encenar a vida e obra de Bocage é compreensível pela dimensão confessional e dramática de muitos dos seus versos. E esse exercício começou muito cedo, ora em clave humorística, ora numa perspectiva mais séria. Já no princípio do século, Eduardo Fernandes escrevia *O Poeta Bocage: opereta em 3 actos*²⁴. De acordo com técnicas dramáticas diversas, e de informações históricas e de textos bocageanos de carácter mais auto-biográfico, vários dramaturgos evocam a vida de Bocage como um poeta apaixonado, iconoclasta e amargurado, situado dramaticamente numa época contrária ao seu espírito inovador e revolucionário.

Porém, é sobretudo em pleno regime de Salazar e como forma de pronunciamento político contra o regime, que vai surgindo um número considerável de peças teatrais, de valor desigual, mais ou menos motivadas pela celebração do II Centenário da Nascimento do Poeta (1965). Esses textos teatrais inspirados na vida e obra Bocage devem-se a autores como: Romeu Correia, *Bocage (Crónica dramática e grotesca em duas partes e um prólogo)*²⁵; Herlândier Machado, *Bocage, o Homem que Destruía o Amor*²⁶; Luzia Maria Martins, *Bocage, Alma Sem Mundo*²⁷; José Sinde Filipe, *Bocage (Esboço de teatralização de uma obra dramática)*²⁸; ou Fernando Cardoso, *Bocage, Ele Mesmo!*²⁹.

Curiosamente, também no género da narrativa, quer de carácter mais biográfico, quer de natureza mais ficcional, deparamos com um apreciável conjunto textos inspirados na popular figura e obra de Bocage. Desde o início do séc. XX até à actualidade, e também aqui com um valor histórico-literário desigual, o leitor pode ler narrativas tão diversas como as de: Elói do Amaral, *Bocage: fragmentos de um estudo auto-biográfico*³⁰; Artur Lobo d'Ávila, *A Verdadeira Paixão de Bocage: romance histórico sobre a vida do grande poeta*³¹; José Frederico Ferreira Martins, *Amores de Bocage na Índia*³²; Rocha Martins, *Bocage (Episódios*

23 Cf. Fernando GRADE, "Coitas do Poeta Bocage", *Movimento Cultural* [Setúbal], n.º 2 (Janeiro), 1986, p. 107; José Carlos Ary dos SANTOS, "Ao Meu Falecido Irmão Manuel Maria Barbosa do Bocage", *Obra Poética*, Lisboa: Edições Avante, 1994, p. 403; José Jorge LETRIA, "Bocage", *Movimento Cultural* [Setúbal], n.º 1 (Abril), 1985, p. 120; Vasco Graça MOURA (2000), *Poesia* (1997/2000), Lisboa: Quetzal, p. 236; Alexandre O'NEILL, *Poesias Completas*, Lisboa: IN-CM, 1990, p. 183; Alberto PIMENTA, "Ex-voto de A. P. / ao divino M. M. do Bocage", revista *Utopia* [Lisboa], n.º 2, 1995; António Manuel Couto VIANA, "Bocage", *O Velho de Novo*, Porto: Caixotim, 2004, p. 176 [do livro *No Oriente do Oriente*, 1987]. Cf. Fernando GRADE, "Coitas do Poeta Bocage", *Movimento Cultural* [Setúbal], n.º 2 (Janeiro), 1986, p. 107; José Carlos Ary dos SANTOS, "Ao Meu Falecido Irmão Manuel Maria Barbosa do Bocage", *Obra Poética*, Lisboa: Edições Avante, 1994, p. 403; José Jorge LETRIA, "Bocage", *Movimento Cultural* [Setúbal], n.º 1 (Abril), 1985, p. 120; Vasco Graça MOURA (2000), *Poesia* (1997/2000), Lisboa: Quetzal, p. 236; Alexandre O'NEILL, *Poesias Completas*, Lisboa: IN-CM, 1990, p. 183; Alberto PIMENTA, "Ex-voto de A. P. / ao divino M. M. do Bocage", revista *Utopia* [Lisboa], n.º 2, 1995; António Manuel Couto VIANA, "Bocage", *O Velho de Novo*, Porto: Caixotim, 2004, p. 176 [do livro *No Oriente do Oriente*, 1987]. Veja-se ainda o jogo lúdico-intertextual de Francisco Maciel da SILVEIRA, em *Palimpsestos. Uma História Intertextual da Literatura Portuguesa*, Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 1997, pp. 23-25

24 Lisboa: Imp. Lucas (música de Filipe Duarte), 1902.

25 2ª ed., s.l.: Edições Maria da Fonte, 1979 [1965].

26 Lisboa: Parceria A. M. Pereira (depositária), 1966.

27 Lisboa: Pub. Europa-América, 1967.

28 Lisboa: Prelo/SPA, 1974.

29 Lisboa: Portugal mundo, 1999.

30 Figueira: Imprensa Lusitana, 1912.

31 Lisboa: O Século, 1926. Ver ainda: Carlos Lobo d'Ávila, "Os amores de Bocage", *Revista Literária, Científica e Artística*, n.º 168, jornal "O Século" (dir.: Eduardo Schwalbach Lucci), de 20 de Novembro de 1905, p. 3.

32 Lisboa: Imprensa Moderna, 1935

da sua Vida), *Novela Histórica*³³; Gomes Monteiro, *Bocage, Esse Desconhecido...*³⁴; Mário Domingues, *Bocage (A sua Vida e a sua Época), Evocação Histórica*³⁵; José Jorge Letria, *Já Bocage Não Sou*³⁶; e de Adriano Alcântara, *Bocage*³⁷. A popularidade da vida e obra de Bocage tem também neste género uma das suas mais expressivas manifestações.

Entretanto, no seio dos estudos literários, ergue-se a figura de um crítico bocageano assinalável, Hernâni Cidade, quer pelo cuidado posto na reedição de Bocage, que também pelo número e importância dos estudos dedicados ao poeta, quer ainda pela crescente preocupação estética na abordagem crítico-interpretativa. Discípulo de Teófilo Braga, os seus trabalhos histórico-críticos, bem como o seu labor no campo da edição de Bocage, ainda hoje se constituem como marcos de referência.

Toda esta relevante aportação para os estudos bocageanos culminou com a edição completa da poesia de Bocage, em 6 vols., numa publicação intitulada *Opera Omnia* (1969-1973)³⁸. Sob a direcção de Hernâni Cidade, no trabalho de edição e anotação do texto, esteve uma equipa constituída por António Salgado Júnior, Herculano de Carvalho, Álvaro dos Santos Saraiva de Carvalho, Maria Helena Paiva Joachin e Helena Cidade Moura.

Depois de 1974, edita-se livremente, pela primeira vez, a obra clandestina das *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*. A ausência de censura e a liberdade de expressão permitem ainda que as publicações sobre o anedotário bocageano abrandem um pouco.

Entre os mais relevantes críticos bocageanos do séc. XX, sobretudo a partir de meados de Novecentos, merecem revelo, quer pelos seus trabalhos de edição (ainda que parcelar e antológica), quer sobretudo pelos inovadores estudos interpretativos, nomes bem diversos como os seguintes, agrupados cronologicamente: 1) Vitorino Nemésio, organizador e prefaciador de uma reeditada edição dos *Sonetos* e de *Poesias Várias*³⁹; 2) Hernâni Cidade, coordenador da referida edição da *Opera Omnia*, mas antes e depois autor de outros relevantes estudos histórico-culturais sobre a obra bocageana (desde o seu estudo bocageano de 1936 à introdução às *Obras Escolhidas* (1969); 3) Jacinto do Prado Coelho (1961 e 1964), o crítico esclarecido de ensaios modelares, como “Bocage, pintor do invisível” e “Bocage: a vocação do obscuro” – estudos absolutamente relevantes para compreender as dominantes estilísticas e temáticas da poesia de Bocage; 4) Maria Helena da Rocha Pereira (1972), em “Bocage e o legado clássico”, estudo decisivo para a compreensão da fecunda herança clássica na escrita bocageana; 5) David Mourão-Ferreira (1981), em “O drama de Bocage”, ao salientar com luminosa brevidade a natureza dramática de um poeta de transição espartilhado por convenções e sentimentos, por educação e temperamento; 6) e João Mendes (1982), autor de uma profunda leitura do imaginário recorrente de Bocage

Evidentemente, a estes ensaístas bocageanos teríamos de juntar um número muito considerável de outros críticos, que também deram o seu meritório contributo para a evolução dos estudos bocageanos, agora apenas enumerados alfabeticamente: Adolfo Gonçalves, António Coimbra Martins, Artur Anselmo, Augusto da Costa Dias, Carlos Filipe Moisés, Castelo Branco Chaves, Daniel Pires, Esther de Lemos, Florence Nys, José Guerreiro Murta, José Guilherme Merquior, Olavo Bilac, Óscar Lopes, Rogério Claro, Sebastião da Gama, entre muitos outros.

O mais recente contributo para o desenvolvimento dos estudos bocageanos aconteceu no ano de 2005, com a celebração do II Centenário da Morte de Bocage. Dentro e fora de Portugal, multiplicaram-se as iniciativas para assinalar a efeméride. Para além da realização de exposições, conferências e colóquios, destaca-se o trabalho apreciável de Daniel Pires. Devemos ao devotado estudioso bocageano a 4ª edição das *Obras Completas* de Bocage, depois das de Inocêncio, Teófilo Braga e Hernâni Cidade. Saíram até ao momento apenas três dos sete projectados volumes, mas já é possível traçar um provisório juízo crítico sobre este importantíssimo trabalho de edição.

Entre outros méritos, a edição da *Obra Completa* de Bocage, dirigida por Daniel Pires tem os de: i) acrescentar textos inéditos de Bocage; ii) actualizar e uniformizar os critérios de transcrição textual; iii)

33 Lisboa: Tip. da Empresa Nacional de Publicidade, 1936.

34 Lisboa: Romano Torres, 1942.

35 Lisboa: Romano Torres, 1962.

36 Lisboa, Publ. Europa-América, 2002.

37 Lisboa: Planeta Agostini, 2004. Veja-se ainda a narrativa mais breve de Ana Maria Magalhães & Isabel Alçada, Bocage, in *Na Crista da Onda*, Série 2 [Lisboa], Inverno 2005.

38 Lisboa: Bertrand.

39 Lisboa: Clássica Editora, 1943.

ser uma edição cuidadosamente anotada, a pensar no grande público; iv) fazer anteceder cada volume de importantes e actualizados estudos introdutórios. Estes méritos fazem da edição de Daniel Pires a edição mais actualizada e de referência para quem quer ler e estudar hoje um dos maiores poetas da Literatura Portuguesa.

A somar a estas qualidades, acrescentemos outra não menos relevante: este laborioso e exigente trabalho de edição está a ser feito apenas por um dedicadíssimo investigador (mesmo quando nem sempre lhe são proporcionadas as melhores condições de dedicação), quando noutras circunstâncias o mesmo trabalho seria confiado a uma equipa de investigadores, como já aconteceu com o grupo coordenado por Hernâni Cidade.

No final deste pequeno percurso sobre a recepção bocageana, impõe-se uma conclusão breve: Bocage foi, consensualmente, um poeta maior na segunda metade do séc. XVIII e primórdios de Oitocentos, como patenteador pela grandeza, complexidade e diversidade da sua obra poética. Tal como outros autores (ou talvez mais do que muitos outros), a vida e a obra do poeta Bocage foram alvo, ao longo de dois séculos, de várias leituras críticas, de que delineámos apenas algumas grandes tendências.

Ao mesmo tempo, essa prolongada recepção, aqui apenas delineada, permite-nos reafirmar pelo menos três corolários rápidos: primeiro, a enorme e reconhecida popularidade de Bocage, quer no campo literário, quer na sociedade lisboeta, reputação iniciada já em vida do poeta; segundo, a relevância de uma continuada construção da imagem do poeta – quer a produzida pelo discurso crítico-ensaístico, quer pela própria criação literária –, a começar na cultura e estética românticas e a culminar na recepção contemporânea; terceiro, a projecção de uma imagem estereotipada de Bocage através do sistema de ensino e das suas consecutivas propostas curriculares.

Em suma, a actividade de ler e ensinar Bocage hoje, ao nível do nosso sistema de ensino (do Secundário à Universidade), não pode ignorar a longa e copiosa recepção do poeta ao longo de duzentos anos. Desde que cuidadosamente orientada, a leitura e interpretação da obra bocageana muito beneficiará de um fecundo diálogo intertextual com algumas manifestações dessa sucessão de leituras críticas e literárias. Em última estância, porque o leitor actual não pode (deve) ler, de modo ingénuo e adâmico, a poesia de Bocage, ignorando essa prolongada e actuante recepção crítica e literária. O contrário seria acreditar no dogma da imaculada percepção...